Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS (PPGRI)

Racismo Estrutural e Migração Haitiana na República Dominicana: Uma Perspectiva Crítica

DJENIKA SENATUS

Foz do Iguaçu, Julho 2024

Resumo

Este estudo examina a construção da ideologia anti-haitiana e a haitiano-fobia como elementos integrantes da política externa da República Dominicana. A relação histórica entre o Haiti e a República Dominicana é explorada desde o período colonial até os dias atuais, destacando eventos significativos como a independência do Haiti em 1804 e a ocupação haitiana de 1822 a 1844. A análise se estende ao período contemporâneo, com foco nas políticas estatais que promovem o anti-haitianismo, evidenciando como figuras proeminentes como Rafael Trujillo e Joaquín Balaguer perpetuaram estereótipos prejudiciais e promoveram a marginalização dos haitianos e seus descendentes na República Dominicana. Além disso, o artigo aborda a questão da migração haitiana para a República Dominicana e as políticas migratórias implementadas, destacando a falta de apoio oficial do Estado dominicano e as violações dos direitos humanos enfrentadas pelos migrantes haitianos. Frantz Fanon (2008) é utilizado para interpretar a desumanização sistemática e o impacto psicológico do racismo na relação entre haitianos e dominicanos. Por fim, o trabalho discute os impactos do terremoto de 2010 no fluxo migratório haitiano para a República Dominicana, ressaltando uma mudança temporária na percepção dominicana em relação aos haitianos devido a um senso de solidariedade humanitária.

Palavras-chave: Anti-haitianismo, Migração haitiana, Racismo estrutural, Política externa dominicana, Direitos humanos

Abstract

This research examines the construction of anti-Haitian ideology and Haitian-phobia as integral elements of the Dominican Republic's foreign policy. The historical relationship between Haiti and the Dominican Republic is explored from the colonial period to the present day, highlighting significant events such as Haiti's independence in 1804 and the Haitian occupation from 1822 to 1844. The analysis extends to the contemporary period, focusing on state policies that promote anti-Haitianism, showing how prominent figures such as Rafael Trujillo and Joaquín

Balaguer perpetuated harmful stereotypes and promoted the marginalization of Haitians and their descendants in the Dominican Republic. Additionally, the article addresses the issue of Haitian migration to the Dominican Republic and the implemented migration policies, highlighting the lack of official support from the Dominican state and the human rights violations faced by Haitian migrants. Frantz Fanon (2008) is used to interpret the systematic dehumanization and psychological impact of racism in the relationship between Haitians and Dominicans. Finally, the article discusses the impacts of the 2010 earthquake on Haitian migration flow to the Dominican Republic, emphasizing a temporary shift in Dominican perception towards Haitians due to a sense of humanitarian solidarity.

Keywords: Anti-Haitianism, Haitian migration, Structural racism , Dominican foreign policy, Human rights

Este artigo busca analisar a intrincada relação entre o Haiti e a República Dominicana desde seus primórdios coloniais até as dinâmicas contemporâneas, marcadas pela haitiano-fobia como uma ideologia arraigada na política externa dominicana. Ao traçar um panorama histórico desde a colonização da ilha até os conflitos e tentativas de unificação no século XIX, pretende-se compreender a construção do anti-haitianismo, evidenciando como líderes como Trujillo e Balaguer moldaram percepções e estereótipos em prol da hegemonia dominicana. Além disso, será abordada a questão da migração haitiana e as políticas migratórias discriminatórias, contextualizando as violações de direitos humanos enfrentadas pelos migrantes. Frantz Fanon (2008) é utilizado para compreender a desumanização e o impacto psicológico do racismo, destacando como o colonialismo impõe uma condição humana degradada aos colonizados. Por fim, será discutido o impacto do terremoto de 2010 no fluxo migratório, ressaltando tanto as mudanças temporárias na percepção dominicana quanto os desafios contínuos enfrentados pelos haitianos na busca por inclusão e reconhecimento na sociedade dominicana.

Anti-Haitianismo e Política Externa Dominicana: Uma Análise Crítica

Segundo as reflexões de Camila Antunes Madeira da Silva (2016), o anti-haitianismo na República Dominicana vai além de uma simples ideologia "anti-haitianista"; trata-se de um fenômeno complexo e intrincado na formação da identidade dominicana, enraizado em processos históricos que têm gerado conflitos persistentes entre as duas sociedades ao longo do tempo. Embora seja difícil precisar o momento exato e as circunstâncias do surgimento do anti-haitianismo, suas primeiras manifestações podem ser rastreadas desde as ocupações francesas e haitianas em território dominicano.

O historiador dominicano Moya Pons (2013) distingue duas vertentes principais do anti-haitianismo no país: a histórica e a estatal. A vertente histórica remonta às tensões entre França e Espanha durante o século XVIII, exacerbadas pela Revolução Haitiana e pela cessão de Santo Domingo à França em 1795, seguidas pelas invasões haitianas de 1801 e 1805, além da ocupação de 1822-1844.

Por outro lado, a vertente estatal se desenvolveu a partir desses eventos históricos, sendo moldada pelas políticas governamentais que a utilizaram para justificar e fortalecer o anti-haitianismo. Essas políticas contribuíram significativamente para a disseminação do preconceito e da hostilidade contra os migrantes haitianos na República Dominicana. Como explicou o autor Simone (2018):

> Esse sentimento nacionalista baseado em um anti-haitianismo pode ser entendido como um esforço das classes dominantes para permanecer no topo da hierarquia. Franklin J. Franco, quando fala do pensamento colonialista da oligarquia governante, alude ao legado racista, classista e colonial, mas também aos interesses da classe dominante na manutenção do anti-haitianismo (Pinto, 2018, p.67).

Durante o período de ocupação haitiana, os sentimentos negativos em relação aos haitianos foram temporariamente silenciados devido à censura da imprensa em ambas as partes da ilha, o que impediu a disseminação de campanhas anti-haitianas. Contudo, esses sentimentos não desapareceram completamente da

sociedade dominicana. Com o estabelecimento da ditadura de Rafael Leónidas Trujillo Molina (1930-1961) na República Dominicana - uma das primeiras e mais brutais ditaduras da América Latina e do Caribe -, o anti-haitianismo estatal foi intensificado e utilizado para marginalizar ainda mais a população haitiana no país. Nesta fase, conforme observado por Vasconcelos (2015), ser dominicano significava distanciar-se o máximo possível de qualquer identificação com o Haiti, promovendo a ideia de superioridade racial dos dominicanos sobre os haitianos.

Essa estratégia visava retratar o haitiano como o principal antagonista da identidade nacional dominicana, destacando a permeabilidade da fronteira entre República Dominicana e Haiti como um ponto crítico. Segundo a análise de Karine de Souza e Luisa Milioli de Amorim (2019), combater esse "inimigo nacional" exigia reafirmar a autonomia política e cultural da República Dominicana, buscando preservar sua integridade frente às influências externas percebidas como ameaçadoras. Nessa mesma linha o autor Simone Rodrigues Pinto (2018) explica que:

> A construção da memória social de forma a forjar inimigos não é uma excepcionalidade da República Dominicana. Para citar alguns exemplos, ocorreu em Ruanda no período que antecedeu o genocídio dos tutsis pelos hutus, ocorreu na base da ideologia do apartheid na África do Sul, tem sido construída hoje na esteriotipificação do terrorista árabe no Ocidente. É um perigo real e atual. Racismo também não é exclusividade de alguns países. Ser negro tem sido considerado por anos como algo negativo, inferior. Na República Dominicana racismo, construção da memória a favor de uma elite econômica, geopolítica regional e nacionalismo nostálgico se imbricam de forma clara e complexa. Na República Dominicana há uma divisão entre a percepção biológica do que é ser negro e uma percepção social: “soy negro blanco” (p. 67)

Por outra parte, Kabengele Munanga (2003) oferece uma análise profunda sobre a questão racial ao destacar como a hierarquização da humanidade em diferentes raças e a propagação da raciologia no início do século XX tinham um propósito mais doutrinário do que científico genuíno, sendo utilizadas para legitimar sistemas de dominação racial. Munanga contextualiza globalmente esse problema racial, demonstrando como esses conceitos migraram dos círculos acadêmicos para as sociedades ocidentais dominantes, sendo instrumentalizados para justificar atrocidades, como as perpetradas pelo nazismo durante a Segunda Guerra Mundial.

Também argumenta que o conceito moderno de raça não possui base biológica, mas é profundamente ideológico e está intrinsecamente ligado a relações de poder e dominação. Ele interpreta a raça como uma categoria etno-semântica cujo significado varia conforme a estrutura social e as relações de poder em diferentes contextos. Por isso, termos como "negro", "branco" e "mestiço" adquirem conotações distintas em diferentes países, refletindo as configurações sociais e políticas particulares de cada sociedade.

Munanga (2003) também destaca como essas ideologias do racismo científico influenciaram sociedades como a República Dominicana, moldando a ideologia de haitiano-fobia que justifica os tratamentos desumanos dispensados pelos dominicanos aos migrantes haitianos. Questão reforçada também pelo autor Gates Jr. (2014):

> Ser negro, contudo, refere-se ao Haiti, e não à África. Na Republica Dominicana “ninguém é negro, porque essa palavra é reservada para os haitianos. Na verdade, se trata de negar tudo que seja haitiano” Entre alguns dominicanos, ser negro significa ser “pobre, sujo, inculto, ignorante, degenerado. Tudo o que pensavam sobre os haitianos tornou-se o que pensavam sobre ser negro”. (p. 117-191).

Nesse contexto, Frantz Fanon, em sua obra "Pele Negra, Máscaras Brancas", argumenta que o colonialismo impõe uma desumanização sistemática dos povos negros, forçando-os a internalizar um sentimento de inferioridade. Os colonizados são alienados de sua cultura e história, levando a uma crise de identidade. Fanon explora como essa alienação racial resulta em uma perda profunda do senso de si mesmo e na imposição de uma identidade negativa, reforçando as estruturas de poder e dominação raciais estabelecidas pelos colonizadores.

Continuando, Fanon discute como a linguagem é uma ferramenta de poder e dominação. Ele destaca que os negros, ao aprenderem a língua do colonizador, frequentemente tentam adotar os costumes e a cultura dos brancos, buscando aceitação e validação, mas acabam perpetuando sua própria subjugação. Esse aspecto pode ser relacionado à situação dos haitianos na República Dominicana, onde a barreira linguística e a imposição do espanhol dominicano sobre o crioulo haitiano simbolizam e reforçam a subordinação dos haitianos. A discriminação linguística se torna uma forma de marginalizar ainda mais os haitianos, que são

frequentemente vistos como "outros" indesejáveis: “Falar é ser capaz de empregar determinada sintaxe, é se apossar da morfologia de uma ou outra língua, mas é acima de tudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (Fanon, 2008, p. 31).

Além disso, a xenofobia e o racismo contra os haitianos na República Dominicana são exacerbados pela diferença linguística, que é usada para reforçar a separação e a desumanização. O domínio da língua espanhola é frequentemente associado ao poder e à identidade nacional dominicana, enquanto o crioulo haitiano é estigmatizado. Esse dinamismo linguístico contribui para a marginalização dos haitianos, dificultando sua integração social e econômica, e perpetuando a ideologia racista que sustenta o haitiano-fobia.

A análise de Souza (2021) sobre a interseção entre raça e Relações Internacionais (RI) lança luz sobre como o racismo tem sido historicamente utilizado para legitimar práticas de imperialismo e dominação entre nações. A autora destaca a presença persistente do racismo nas teorias dominantes de RI, como o liberalismo, o realismo e o construtivismo, enfatizando como a percepção de negros como inferiores e brancos como superiores perpetua desigualdades estruturais. Além disso, Souza explora o conceito de "linha de cor", que delineia a estrutura global de poder com base em fatores políticos, econômicos e ideológicos, ecoando as perspectivas de Munanga (2003) sobre a raça como uma construção social nas RI, não uma realidade biológica.

No entanto, Souza (2012) critica a disciplina das RI por negligenciar o papel central do colonialismo, da escravidão e do racismo em sua própria formação, bem como a importância crucial da África na manutenção da hegemonia dos países centrais. Ela argumenta que o capitalismo possui uma dimensão racial, fundamentada em práticas como a escravidão, invasões, expropriações e hierarquização racial, e destaca o racismo estrutural como uma chave teórica essencial para compreender as continuidades e descontinuidades do poder colonial nas RI. Souza (2021) também dialoga com as contribuições de Quijano (1999), ampliando o entendimento sobre como as dinâmicas de poder colonial continuam a moldar as relações globais contemporâneas Souza (2021) como comentou também Quijano (1999): "Ele acrescenta que a ideia de raça tem sido “o mais eficaz instrumento de dominação

social inventado nos últimos 500 anos", e o racismo é, "sem dúvida, a mais perceptível e onipresente manifestação da colonialidade do poder" (p. 141-142)

Podemos destacar também a análise de Souza (2021) sobre a questão de interseção entre raça e Relações Internacionais oferece uma compreensão aprofundada da haitiano-fobia na República Dominicana, evidenciando como o racismo desempenha um papel crucial na criação de narrativas prejudiciais. A autora sublinha como a concepção de inferioridade dos negros e superioridade dos brancos, enraizada em teorias de RI como o liberalismo e o realismo, sustenta privilégios estruturais. Essa dinâmica racializada de poder também permeia a história dominicana, onde figuras proeminentes como Joaquín Balaguer e Arturo Peña Batlle promoveram ideias xenofóbicas e racistas, culminando no massacre de 1937. Peña Batlle menosprezava a história e cultura haitianas, enquanto Balaguer estigmatizava os haitianos como inferiores, perpetuando estereótipos prejudiciais (Souza, 2021; Balaguer, 1993).

Joaquín Balaguer e Arturo Peña Batlle, figuras prominentes na intelectualidade dominicana, desempenharam papéis significativos na propagação dessa ideologia racista e xenofóbica, destacada no trágico massacre de 1937 (Vasconcelos, 2015). Peña Batlle retratava o Haiti como uma sociedade sem história genuína, sem tradições autênticas, sem ponto de partida e sem raízes espirituais. Por outro lado, Balaguer retratava os haitianos como membros de uma raça inferior, usando terminologias despreciativas que perpetuam estereótipos danosos (Balaguer, 1993, p. 35-36).

Durante o auge da haitiano-fobia na República Dominicana, o ditador Trujillo implementou uma política nacionalista que não apenas marginalizava os haitianos discursivamente, mas também tomava medidas práticas para restringir sua presença no país. Conforme observado por Vasconcelos (2015), houve um fluxo considerável de haitianos migrando para a República Dominicana, especialmente para trabalhar como braceros ou bateys na indústria açucareira dominicana, prática incentivada tanto por Trujillo quanto por seus sucessores políticos, incluindo Joaquín Balaguer.

O ponto culminante da haitiano-fobia foi o massacre de Perejil em 1937. Como parte da política de dominicanização da fronteira, destinada a conter qualquer influxo pacífico de haitianos, as forças militares dominicanas exterminaram milhares de haitianos na fronteira haitiano-dominicana, sob a influência de Trujillo e seus mentores intelectuais, como Manuel Arturo Peña Batlle. Durante o "Massacre de Perejil", os militares dominicanos usaram a pronúncia da palavra espanhola "perejil" como um teste para identificar os haitianos em território dominicano a serem executados, intensificando a violência e a discriminação (Vasconcelos, 2015).

Fanon argumenta que o racismo causa traumas profundos e duradouros, criando uma série de complexos psicológicos nos indivíduos negros, incluindo baixa autoestima e sentimentos de inadequação. A psicopatologia do racismo descrita por Fanon é evidente na política de Trujillo, que utilizava o ódio racial para consolidar seu poder e promover uma identidade nacional dominicana baseada na exclusão e desumanização dos haitianos:

> O preconceito de cor nada mais é do que um ódio irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que consideram inferiores a si próprios e, subsequentemente, o amargo ressentimento daqueles que são subjugados à força e com frequência insultados. (Fanon, 2008, p. 133)

A prática de usar a pronúncia de "perejil" para identificar e assassinar haitianos demonstra como o racismo pode se manifestar de forma extremamente brutal e desumanizadora, levando a um trauma coletivo que afeta profundamente a psique dos sobreviventes e das gerações subsequentes. A estratégia não só desumaniza os haitianos ao reduzi-los a uma característica linguística, mas também perpetuava o terror psicológico e o sentimento de inferioridade e insegurança entre os haitianos e dominicanos de origem haitiana.

A política racista de Trujillo e o massacre de Perejil exemplificam a forma como o racismo institucionalizado pode levar a uma psicopatologia coletiva, onde o ódio e a violência são internalizados tanto pelos opressores quanto pelos oprimidos, resultando em uma sociedade profundamente traumatizada e dividida. A obra de Fanon ajuda a entender como essas dinâmicas de poder e dominação afetam não apenas as relações interpessoais, mas também a saúde mental e a identidade cultural dos povos racialmente discriminados.

Impactos Históricos e Humanitários da Migração Haitiana na República Dominicana

De acordo com Diederich e Al Burt (1986), a situação pós-independência no Haiti foi caracterizada pelo agravamento da pobreza e miséria da população, em meio a uma instabilidade política contínua. Durante décadas, o país enfrentou ocupações estrangeiras, como a dos Estados Unidos entre 1915 e 1934, e a ditadura de François e Jean-Claude Duvalier, conhecidos como Papa Doc e Baby-doc, que dominaram o país por quase sessenta anos, de 1957 a 1986. Esses eventos políticos e econômicos desfavoráveis levaram a um aumento significativo da emigração haitiana a partir da segunda metade do século XX.

No caso da migração haitiana para a República Dominicana, como observado por Silié (2002), ela se intensificou entre as décadas de 1930 e 1990, principalmente para trabalhar na indústria açucareira. Simultaneamente, houve um aumento na migração haitiana para os Estados Unidos, Canadá e Bahamas. No entanto, os migrantes haitianos enfrentam exclusão econômica e social, sendo submetidos a condições precárias no mercado de trabalho com baixos salários. Essa discriminação foi fortalecida por manifestações ideológicas racistas e xenófobas, visando manter o grupo em posições subalternas.

Essas atitudes, descritas como "anti-haitianismo", resultaram em casos extremos de maus tratos e violações dos direitos humanos na República Dominicana, levando à condenação pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos em 1999. O governo dominicano, conforme analisado por Silié (2005), tem tratado os imigrantes haitianos de maneira negligente, não organizando sua entrada no país nem sua integração na sociedade local. Ao longo do século XX até a década de 1980, a migração haitiana foi vista pelo governo como uma "invasão passiva", dificultando a formulação de políticas migratórias consistentes. Mesmo com a continuidade do emprego de mão-de-obra haitiana pelo setor privado dominicano, os migrantes enfrentaram vulnerabilidade devido à falta de garantias de direitos civis e trabalhistas.

A falta de apoio oficial e consistente do Estado dominicano na regularização dos trabalhadores haitianos, apesar de sua incorporação ao setor privado, resultou em

violações contínuas de direitos humanos. Medidas governamentais como o Decreto 417-90 em 1990, que temporariamente regularizou trabalhadores haitianos no setor açucareiro, foram seguidas pelo Decreto 233-91 em 1991, que ordenou a repatriação de muitos haitianos gerando pânico e insegurança entre migrantes e seus descendentes.

Conforme Silié (2002) descreve, a Diretoria Geral de Migrações da República Dominicana é o principal órgão responsável pela gestão das migrações, incluindo deportações devido à falta de uma política migratória abrangente. As forças armadas atuam independentemente na fronteira, enquanto o Ministério do Trabalho lida com contratações específicas de migrantes, sem uma abordagem global para os haitianos. Essa falta de coordenação deixa os haitianos no mercado de trabalho dominicano à mercê da ilegalidade, muitas vezes explorados por redes informais e traficantes de pessoas.

A migração haitiana na República Dominicana desde a década de 1930 até os anos 2009, como discutido por Silié (2002), foi caracterizada por uma persistente hostilidade anti-haitiana. No entanto, após o devastador terremoto de 2010 no Haiti, a migração assumiu uma dimensão mais humanitária, com muitos haitianos buscando refúgio na República Dominicana devido à crise humanitária em seu país devastado.

Fanon sugere que o colonialismo impõe uma condição humana degradada aos colonizados, tratando-os como meros instrumentos de trabalho, sem direitos ou dignidade. A situação dos haitianos na República Dominicana reflete essa dinâmica, onde eles são incorporados ao setor privado para suprir necessidades econômicas, mas não recebem o reconhecimento ou proteção de seus direitos humanos. Essa marginalização e tratamento desumanizante perpetuam a alienação e a opressão dos haitianos, mantendo-os em uma posição de vulnerabilidade extrema: "Seu corpo é preto, sua língua é preta, sua alma também deve ser preta". Essa lógica é aplicada pelo branco cotidianamente. O negro é o símbolo do Mal e do Feio". (Fanon, 2008, p. 192)

A substituição do Decreto 417-90 pelo Decreto 233-91, que levou à repatriação massiva de haitianos, ilustra a maneira como políticas governamentais podem ser

usadas para controlar e oprimir populações vulneráveis, evocando a lógica colonialista de dominação e exclusão. Essas medidas não apenas criam um ambiente de pânico e insegurança, mas também reforçam a desumanização dos haitianos, negando-lhes uma vida digna e plena.

As tentativas fracassadas de regulamentação sob os governos de Leonel Fernández e René Préval mostram a persistência da falta de vontade política e a continuidade de uma abordagem incoerente e ineficaz. Isso reflete a incapacidade de superar as estruturas coloniais de poder e dominação, que continuam a impactar negativamente a condição humana dos migrantes haitianos e seus descendentes na República Dominicana.

Conclusão

Em conclusão, este estudo mostra como as tensões históricas e ideológicas entre Haiti e República Dominicana persistem ao longo do tempo, resultando em políticas discriminatórias e percepções arraigadas na sociedade dominicana. A construção do anti-haitianismo como parte da identidade dominicana e seu uso por líderes políticos ao longo dos séculos, como mencionado por Moya Pons (2013), ilustra a profundidade dessa ideologia. Além disso, a análise das políticas migratórias desumanas e das violações de direitos humanos contra os migrantes haitianos, como discutido por Silié (2002), destaca a necessidade urgente de uma abordagem mais justa e compassiva.

A perspectiva de Frantz Fanon (2008) sobre a desumanização e os traumas psicológicos do racismo oferece uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e opressão. Apesar de momentos de solidariedade, como após o terremoto de 2010, permanecem desafios significativos na busca por uma convivência harmoniosa e igualitária entre os dois países.

É crucial reconhecer e desafiar a haitiano-fobia enraizada, promovendo uma cultura de respeito mútuo, compreensão e cooperação. Apenas assim será possível avançar para um futuro mais inclusivo e equitativo na ilha de Hispaniola, onde a integração e os direitos humanos dos migrantes haitianos sejam plenamente respeitados .

Referências

ALEXANDRA GARCIA GRIGORIEFF NUSKE; MÔNICA MEDEIROS KOTHER MACEDO. Migración haitiana: el sujeto frente al (re)encuentro con el exceso. Scielo [S. l.] v. 30 n. ed.180081 p. 1-11, 14 nov. 201.

ANTONIO SIERRA PORTO Humberto. CASO PESSOAS DOMINICANAS E HAITIANAS EXPULSAS VS. REPÚBLICA DOMINICANA. CNJ São José, Costa Rica, p. 1-177, 28.

ARIZA Marina. Obreras sirvientas y prostitutas. Globalización, familia y mercado de trabajo en República Dominicana. Estudios Sociológicos De El Colegio De México, MÉXICO, v. vol. 40, n. no.118, p. 123–149, 1 jan. 2004.

AUDEBERT Cédric; Bertrand Marine. La diaspora haïtienne. Territoires migratoires et réseaux transnationaux. Migrinter Université de Poitiers, n. no.13, p. 1-5, 1 set. 2013.

Banco Interamericano de Desenvolvimento. (2021). Migration and Development in Latin America and the Caribbean. Disponível em: https://www.iadb.org/en/sector/migration-and-remittances/migration-and-development-latin-america-and-caribbean

Bodvarsson Ö. & Van Der Berg H. (2009). The economics of immigration: Theory and policy. Springer Science & Business Media.

CHIARELLO F. (2012). International Migration and Security: Opportunities and Challenges. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281406123_International_Migration_and_Security_Opportunities_and_Challenges

COLIN Armand. Dictionnaire des migrations internationales. Approche géohistorique. Scielo Paris, p. 365-368, 1 dez. 2016.

CRISTOVAO DOMINGOS Almeida; BEATRIZ MONTALVÃO Brandão. Imigração, mídia e sociabilidade dos haitianos. Revista Observatório. Scielo [S. l.] v. 1, n. no.3, 9 dez. 2015. Revista Observatório, p. 62-79.

COULANGE MÉRONÉ Schwarz. Elementos sociohistóricos para entender la migración haitiana a República Dominicana. Scielo Toluca, v. vol.24, n. no.97, p. 1-21, 21 maio de 2018.

CUEVAS J. R. (2022). Chile y República Dominicana y el Pacto Mundial para una Migración Segura, Ordenada y Regular: Análisis de la toma de decisión de dos países con diferentes realidades de migración haitiana. Migraciones Internacionales, 11.

DARÍO ESPINAL Flavio. Gobierno dominicano no firmará el Pacto Mundial para la Migración Segura. El dia [s. l.], 4 dez. 2018.

DE MELO ROSA Renata. Subjetividade e subversão do racismo: um estudo de caso sobre haitianos na República Dominicana. Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana. Rev. Inter. Mob. Hum, Brasília, n. no.34, p. 99-112, 29 mar. 2010.

DEBANDI J. & SANDER C. (2002). International Migration Governance: An Emerging Global Agenda. The Geneva Papers on Risk and Insurance-Issues and Practice, 27(1), 65-81.

DIEDERICH Bernard; AL BURT.Papa Doc et Les Tontons Macoutes. Port-au-Prince, Haiti: Imprimerie Henri Deschamps, 1986.

FANON Frantz. Pele negra, máscaras brancas. 8. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

GUY Alexandre. El Tema migratorio entre la República Dominicana y Haití. Scielo [S. l.] v. vol.24, n. no.97, p. 1-21, 21 maio 2018.

HAITÍ se niega a reabrir un cruce fronterizo con República Dominicana. AP news [s. l.], 12 out. 2023.

HAITI y República Dominicana: más que la suma de las partes. Banco mundial [s. l.], 11 jun. 2012. Disponível em: https://www.bancomundial.org/es/news/press-release/2012/06/11/haiti-and-the-dominican-republic-more-than-the-sum-of-its-

parts#:~:text=Hoy%20d%C3%ADa%2C%20la%20Rep%C3%BAblica%20Dominicanael%20deterioro%20del%20medio%20ambiente

IACHR (Comissão Interamericana de Direitos Humanos). (2019). Haitianophobia: Sociocultural Factors. Disponível em: https://www.oas.org/en/iachr/reports/pdfs/Haitianophobia-EN.pdf

ICMPD (2021). Relatório sobre migração e desenvolvimento em países de origem, trânsito e destino.

ISIS Duarte; JULIA Hasbún. Mano de obra haitiana en la construcción: Características, valoraciones y prácticas en Duarte I. et al. Movimientos desde y hacia República Dominicana, Tomo I. Secretaría de Economía, Planificación y Desarrollo, Santo Domingo. Biblioteca enfoque social, República Dominicana, v. Tomo I, p. 43-105, 2 marzo. 2011.

IZCARA PALACIOS Simón Pedro. Tráfico de migrantes y terrorismo. Un vínculo infundado. Scielo [S. l.] v. vol.24, n. no.2, 24 fév. 2017. Política y gobierno, p. 1-37.

LA République dominicaine ferme sa frontière avec Haïti à cause d'un différend. Produção: FRANCE 24. [S. l.: s. n.], 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Rwt7sNbaEBk. Acesso em: 22 out. 2023.

MADEIRA DA SILVA Camila Antunes et al. Xenofobia direcionada aos imigrantes haitianos na República Dominicana: motivações e implicações. Anais do II Simposio Internacional Pensar e Repensar a America Latina, Universidade de São Paulo, p. 1-14, 14 jul. 2004.

MARTINEZ PIZARRO Jorge. Migración Internacional en América Latina y Caribe: Nuevas tendencias, nuevos enfoques. Naciones Unidas, CEPAL, Santiago de Chile, p. 1-436, maio 2011.

Martinez D. (2021). The dynamics of South-South migration in Latin America and the Caribbean. Population, Space and Place, 27(2), e2371.

Martinez O. M. (2001). The World of Mexican Migrants: The Rock and the Hard Place. The Annals of the American Academy of Political and Social Science, 573(1), 35-47.

MASSEY D. S., ARANGO J., HUGO G., KOUAOUCCI A., & PELLEGRINO A. (2006). Worlds in Motion: Understanding International Migration at the End of the Millennium. Oxford University Press.

MARIO CHIARELLO Leonir. As interações entre Relações Internacionais e Migrações Internacionais e os desafios para a soberania do Estado no atual contexto globalizado. Travessia-Revista do Migrante [S. l.] n. no.17, p1-14, jun.-dez. 2022.

OIM (Organização Internacional para as Migrações). (2019). World Migration Report 2020. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf

OIM (Organização Internacional para as Migrações). (2015). The Caribbean: Migration and Development. Disponível em: https://www.iom.int/sites/default/files/country/docs/IOM-Caribbean.pdf

ONU. Naciones Unidas, Asamblea General. 18/07/2018. Conferencia Intergubernamental encargada de Aprobar el Pacto Mundial para la Migración Segura, Ordenada y Regular: Proyecto de documento final de la Conferencia, Marrakech (Marruecos), n. A/CONF.231/3, p. 1-39, 30 jul. 2018.

ONU. Naciones Unidas, Asamblea General. 19/09/2016. Proyecto de resolución remitido a la reunión plenaria de alto nivel de la Asamblea General sobre la respuesta a los grandes desplazamientos de refugiados y migrantes en su septuagésimo período de sesiones: Declaración de Nueva York para los Refugiados y los Migrantes, Nueva York, n. A/71/L., p. 1-28, 13 set. 2016.

PONS, Frank Moya. Antihaitianismo de Estado. Diario Libre, Santo Domingo, 12 dez. 2009. Lecturas historia y memoria. Disponível em: < http://www.diariolibre.com/noticias/2009/12/12/i227038_antihaitianismoestado.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). Epistemologias do sul. Coimbra: Almedina, 2009.p. 73-117.

RAMÍREZ GALLEGOS, Jacques. 3- De la era de la migración al siglo de la seguridad: el surgimiento de “políticas de control con rostro (in)humano. Scielo [S. l.], p. 1-20, 22 nov. 2018.

REPÚBLICA Dominicana estende fechamento da fronteira com Haiti em disputa por canal. Noticias Uol [s. l.], 9 out. 2023.

SILIÉ, R. La nueva inmigración haitiana. Santo Domingo, República Dominicana: Ediciones Flacso, 2002.

TURITS, LEE Richard. Un mundo destruido, una nación impuesta: La masacre haitiana de 1937 en la República Dominicana. Hispanic American Historical Review, República Dominicana, v. vol. 82, n. no.3, p. 589-635, 1 jan. 2015.

VASCONCELOS, Alex Donizete. Anti-haitianismo: uma tradição de identidade haitiana? Universitas Relações Internacionais, Brasília, v. 13, n. 2, p. 51-65, jul./dez. 2015. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5102/uri.v13i2.3587. Acesso em: 14 out. 2023.

VARELA, Amarela. No es una caravana de migrantes sino un nuevo movimiento social que camina por una vida vivible. Listin Diario, Cidade de México, p. 1-11, 4 nov. 2018.

WEINER, M. (2006). Migrations in World History. New York: Routledge.

WOODING, Bridget. El impacto del terremoto en Haití sobre la inmigración haitiana en República Dominicana. América Latina Hoy [S. l.], p. 111–129, 1 out. 2023.